

O uso de plantas medicinais em uma comunidade rural de Mata Atlântica – Nova Rússia, SC

Use of medicinal plants in a rural community of the Atlantic Forest – Nova Rússia, SC

Ana Lúcia Bertarello Zeni¹
anazeni@furb.br

Fábio Bosio²
fabiobiologico@yahoo.com.br

Resumo

A utilização das plantas para fins terapêuticos é muito antiga, mas o uso deste conhecimento vem se expandindo atualmente, pois se percebeu que muitas dessas plantas têm ação biológica comprovada cientificamente, e a exploração dos ambientes naturais por povos tradicionais sem causar impactos importantes pode nos fornecer também condições de desenvolver ações de manejo e conservação ao mesmo tempo. Com o intuito de efetuar um levantamento etnobotânico de plantas medicinais, foram realizadas 48 entrevistas com os moradores da comunidade da Nova Rússia, situada em área rural do município de Blumenau, Estado de Santa Catarina, Brasil. Esta localidade encontra-se em região de Mata Atlântica e no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí, antes denominado Parque das Nascentes. Foram coletadas, identificadas e armazenadas 109 espécies de plantas, pertencentes a 50 famílias e 94 gêneros, e obtidas também informações sobre estas plantas e seus usos medicinais populares.

Palavras-chave: plantas medicinais, etnobotânica, Mata Atlântica, conhecimento popular.

Abstract

The use of plants for therapeutic purposes is very ancient, but the use of this knowledge is expanding today, as it was realized that many of these plants have a scientifically proven biological action, and the exploitation of natural environments by traditional peoples without causing major impacts can also help us to develop conservation and management actions at the same time. In order to organize an ethnobotanical survey of medicinal plants, 48 interviews were conducted with residents of the community of Nova Rússia, located in a rural area of Blumenau, Santa Catarina, Brazil, in an Atlantic Forest region and the environs of Parque Nacional da Serra do Itajaí, formerly called Parque das Nascentes. 109 plant species belonging to 50 families and 94 genera were collected, stored and identified. The survey included the search for information about these plants and their popular medicinal uses.

Key words: medicinal plants, ethnobotany, Atlantic Forest, popular knowledge.

¹ Departamento de Ciências Naturais, Universidade Regional de Blumenau (FURB), C.P. Postal 1507, 89010-971, Blumenau, SC, Brasil.

² Mestre em Botânica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), C.P. 19031, 80060-000, Curitiba, PR, Brasil.

Introdução

A Mata Atlântica é caracterizada por apresentar uma das maiores biodiversidades mundiais, abrigando 20 mil espécies de plantas, das quais 50% são endêmicas (Schäffer e Prochnow, 2002). Isto torna este ecossistema possuidor de uma alta diversidade, podendo conter um número muito grande de substâncias bioativas; neste sentido, Rodriguez e West (1995) afirmam que as plantas de regiões tropicais contêm três a quatro vezes mais constituintes químicos do que as de regiões temperadas. No entanto, segundo Schäffer e Prochnow (2002) também é um dos ecossistemas mundiais mais ameaçados, e sua destruição faz com que a cada dia se percam espécimes que ainda não foram estudados.

O estudo do conhecimento acumulado por povos tradicionais acerca das plantas medicinais fornece subsídios para a sistematização rápida do conhecimento de determinadas plantas, encurtando o caminho para o desenvolvimento de novos medicamentos (Farnsworth, 1988), e pode também ser importante para subsidiar trabalhos de manejo e conservação destes recursos em busca de um desenvolvimento sustentável, analisando como as pessoas identificam e usam as plantas e que áreas e espécies são mais intensivamente utilizadas (La Torre-Cuadros e Isbele, 2003; Dalle e Potvin, 2004). Muitos estudos neste sentido têm sido realizados principalmente na Amazônia, Caatinga, Pantanal e Cerrado (Di Stasi *et al.*, 2002). Na Mata Atlântica, alguns trabalhos vêm sendo desenvolvidos por Figueiredo *et al.* (1993, 1997), Rossato *et al.* (1999), Di Stasi *et al.* (2002), Begossi *et al.* (2002), Medeiros *et al.* (2004), Pereira *et al.* (2005), Pinto *et al.* (2006) e Hanazaki *et al.* (2006), geralmente verificando os múltiplos usos da mata pelos moradores. Tais trabalhos são de fundamental importância na preservação do conhecimento que estas pessoas possuem destes ambientes, já que tendem a ser destruídos pela crescente

ocupação destas áreas para diferentes usos.

O conhecimento em etnobotânica vem crescendo nos últimos tempos justamente pelos estudos em etnoecologia, manejo e conservação (Anderson, 1986; Bennett, 1992; Gliessman, 1992; Gadgil *et al.*, 1993). Begossi (1996) sugere a utilização de conceitos ecológicos, como o de diversidade de espécies, para auxiliar na compreensão das interações homem-ambiente.

Este trabalho teve como objetivo principal realizar um estudo etnobotânico de plantas utilizadas na medicina popular na comunidade rural da Nova Rússia – Blumenau, SC, localizada no entorno do Parque das Nascentes, atualmente Parque Nacional da Serra do Itajaí, com o intuito de conhecer o uso terapêutico das mesmas, para fornecer subsídios a trabalhos de preservação e educação ambiental, além de tornar conhecidas novas alternativas terapêuticas de origem vegetal a serem estudadas.

Material e métodos

Área de estudo – A comunidade Nova Rússia localiza-se no Vale do Ribeirão Garcia, ao sul de Blumenau, inserida na zona de amortecimento do Parque Municipal Nascentes do Ribeirão Garcia (Parque das Nascentes), hoje Parque Nacional da Serra do Itajaí (Figura 1), perfazendo 16% de área total do parque (88 km²).

A região foi colonizada por imigrantes alemães e prussianos (originando o nome do local) que tentaram viver da agricultura de subsistência, mas, devido ao relevo acidentado, impróprio para o cultivo, começaram a aproveitar a floresta como fonte de madeira para os engenhos da cidade, exploravam o palmito, comercializado para as fábricas de conservas da região, e também praticavam a caça. Com a descoberta de minérios (prata, ouro e chumbo), a região sofreu uma intensa exploração de multinacionais norte-americanas, espanholas e argentinas

ligadas aos setores de mineração. No final da década de 40, poucos minerais restavam devido à intensa exploração e não houve mais interesse pelo local. Com esse isolamento, as famílias sobreviveram exclusivamente da caça, pecuária e venda de terras, e poucas famílias resistiram na região; este fator foi positivo para garantir a conservação da região, que possui a maior área de Mata Atlântica contínua do Vale do Itajaí, a quinta maior do estado, além de possuir a maior bacia hídrica do município (ONG Nova Rússia Preservada, 2008).

A comunidade rural Nova Rússia localiza-se no Bairro Progresso, da cidade de Blumenau, que possui um clima quente e chuvoso (subtropical). Não há uma estação caracterizada como seca, e a temperatura média varia de 12 a 23 graus no inverno e de 20 a 31 graus no verão. No decorrer do ano, a temperatura pode variar de -1 grau a 40 graus (20° C em média). A altitude média é de 14 m e ventos médios sopram do quadrante norte. Blumenau está situada dentro da Mata Pluvial da Encosta Atlântica. As encostas no Vale do Itajaí têm bastante declividade, formando vales estreitos e profundos, os quais eram originalmente cobertos por densas florestas (Prefeitura Municipal de Blumenau, 2008; Guia de Blumenau, 2008). Blumenau possui uma área de 519,8 km², sendo 206,8 km² (39,8%) de área urbana e 313,0 km² (60,2%) de área rural, e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 26° 55' 08" de Latitude Sul e 49° 03' 57" de Longitude Oeste (Guia de Blumenau, 2008).

Os moradores sobrevivem basicamente através de agricultura de subsistência e, mais atualmente, com o ecoturismo apoiado pela Prefeitura (três empresas ligadas ao artesanato, uma agroindústria, uma pousada e cinco recantos), alguns ainda relegaram a produção rural a um segundo plano, trabalhando na indústria ou em outras atividades na cidade (Cunha *et al.*, 2004). Convém ressaltar que esta localidade não faz uso de linha

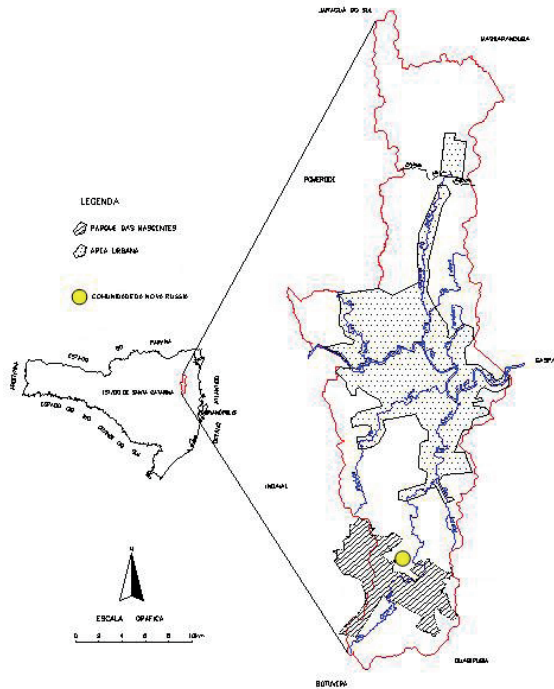


Figura 1. Mapa do estado de Santa Catarina com a localização de Blumenau, destacando o Parque das Nascentes e as comunidades de entorno.

Figure 1. Map of the state of Santa Catarina with the location of Blumenau, highlighting Parque das Nascentes and the surrounding communities.

Fonte: Base de dados IPA (Instituto de Pesquisas Ambientais-FURB).

telefônica e não possui acesso fácil e rápido a hospitais e/ou farmácias.

Coleta de dados – Participaram da pesquisa os moradores que se encontravam na residência no momento da entrevista e os que aceitaram participar da mesma. Foi entrevistado um indivíduo adulto por domicílio, perfazendo 48 moradores adultos (acima de 18 anos) de um total de aproximadamente 70 domicílios; logo, 68,6% das casas foram amostradas. O protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Regional de Blumenau (FURB) sob o n° 042/10.

Aplicou-se um questionário contendo 17 questões abertas e fechadas sobre alguns dados da comunidade estudada, tais como idade, origem étnica, religião, escolaridade e profissão e também sobre as plantas, permitindo a construção de uma listagem de plantas utilizadas, com informações sobre modo de preparo e uso, fonte de obtenção das

mesmas, entre outras questões (Cotton, 1996). Posteriormente foram realizadas outras visitas aos entrevistados, onde foram obtidas informações complementares e coletaram-se as plantas citadas, compreendendo um período de coleta de dados de março de 2003 a dezembro de 2004.

As plantas foram identificadas no Laboratório de Botânica do Departamento de Ciências Naturais da FURB; algumas delas também foram identificadas em campo com auxílio de literatura, e outras com o auxílio de especialistas. As plantas coletadas e identificadas foram depositadas no Herbário Dr. Roberto Miguel Klein (HDRM), na mesma universidade. Essa metodologia foi adaptada de Alexiades (1996).

Análise dos dados – As doenças citadas pelos informantes foram classificadas de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial da Saúde (OMS 2000).

Para análise, foram utilizadas medidas comumente empregadas em Ecologia e adaptadas por Begossi (1996), tais como o índice de diversidade de Shannon-Wiener e de equidade de Pielou, respectivamente,

$$H' = -\sum p_i \log p_i,$$

onde, $p_i = n_i/N$, sendo, $n_i = n^\circ$ de citações por espécie; $N = n^\circ$ total de citações,

$$e = H'/\log S,$$

onde, H' = índice de Shannon-Wiener; S = riqueza de espécies.

O programa utilizado foi o PAST (Hammer *et al.*, 2001).

Foi construída uma tabela com estudos semelhantes em áreas de Floresta Tropical, Mata Atlântica e Floresta Amazônica, a fim de comparar resultados obtidos, utilizando para este fim artigos científicos já publicados e dados desta pesquisa, referentes ao uso de plantas medicinais.

Resultados e discussão

Os entrevistados – Dos 48 moradores entrevistados, 43 são mulheres e cinco são homens, a maioria nasceu no Estado de Santa Catarina (86,6%), 60,20% situa-se na faixa etária de 31 a 60 anos; quanto à escolaridade, 61,2% dos entrevistados não têm o primeiro grau completo e 10,8% não responderam a essa questão; sobre a religião que praticam, 82,3% afirmaram ser católicos.

Neste estudo, verificou-se que toda a população questionada ($n = 48$) faz uso efetivo de plantas medicinais. Quando indagados sobre a origem desse conhecimento responderam, 52,8%, família, 28,3%, influências diversas, 8,0%, amigos, 4,1%, livros e revistas, 4,2% igreja e 2,6%, médico-homeopata.

As plantas medicinais – Foram identificadas 109 espécies pertencentes a 50 famílias botânicas e a 94 gêneros (Tabela 1). Resultados semelhantes quanto à quantidade de espécies foram

Tabela 1. Lista de plantas usadas para fins medicinais na comunidade Nova Rússia, ordenadas por ordem alfabética de famílias botânicas.
Table 1. List of plants used for medicinal purposes in the community Nova Rússia, sorted alphabetically by botanical families.

Família/Nome científico	Nome popular	Usos	NI	PU	HA	OC	N/E	C/E	Nº Ref.
ALISMATACEAE									
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch.	Chapéu-de-couro	Problemas renais	1	F	H	BL	N	E	1491
AMARANTHACEAE									
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	Penicilina	Infecção	4	F	H	H	N	C	1500
<i>Alternanthera paronichyoides</i> St-Hil.	Anador	Dor	1	F,C	H	H	N	C	5140
APIACEAE									
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	Calmante, dor de cabeça	6	S	H	H	E	C	4110
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) A. W. Hill	Salsa	Problemas renais	11	F	H	H	E	C	4103
ARECACEAE									
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	Coqueiro	Obesidade	1	F	E	BE	N	E	1772
ARISTOLOCHIACEAE									
<i>Aristolochia</i> sp.	Cipó mil-homens	Dor de estômago	3	Ca	L	F	N	E	*
ASTERACEAE									
<i>Achillea millefolium</i> L.	Pronto-alívio	Pneumonia	1	F	H	H	E	C	1780
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC	Macela	Dor de barriga	1	F	H	R/C	N	E	1493
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna, amargosa	Má digestão	2	F	H	H	E	C	*
<i>Artemisia verlotorum</i> Lamotte	Efalevina	Má digestão	1	F	H	H	E	C	2745
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	Má digestão, obesidade, diabetes	4	F	H	H	N	E	1516
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Inflamações	4	F,Fr,C	H	H	N	E	1785
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Massanilha	Cólicas menstruais e intestinais	2	FI	H	H	E	E/A	2714
<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polak	Cachimbino	Problemas respiratórios	2	F	H	B	N	E	1747
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	Dor de cabeça, colesterol alto	2	F,R	H	H	E	C	*
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Calmante	1	F	H	H	E	C	*
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	Gripe	1	F	L	H	N	C	1760
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Figatil	Problemas hepáticos	2	F	Sa	H	E	C	1503
<i>Vernonia scorpioides</i> (Lam.) Pers.	Capim São Simão	Hemorroidas	1	F	H	C	N	E	1519
<i>Wedelia paludosa</i> DC	Arnica	Pancadas	2	F	H	BE/P	N	E	1778
BIGNONIACEAE									
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Carova	Alergias	1	F	Ar	C	N	E	1745
BIXACEAE									
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Colesterol alto	1	S	A	H	N*	C	1776
BORAGINACEAE									
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	Obesidade	3	F	H	H	E	C	1777
BRASSICACEAE									
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Menstruz	Dor, contusões	1	F,C	H	H	N	E	1513
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	Problemas respiratórios	2	F,C	H	BL	E	C	1762
CACTACEAE									
<i>Pereskia aculeata</i> Miller	Ora pronobis	Inflamações internas	2	F	H	V	N	C	2697
CANNACEAE									
<i>Canna</i> sp.	Batata de purê	Reumatismo	1	Ri	H	H	-	C	*
CAPRIFOLIACEAE									
<i>Sambucus australis</i> Cham.& Schldl.	Sabugueiro	Sarampo, gripe	1	F	A	H/P	N	C	1499
CECROPIACEAE									
<i>Cecropia glaziovii</i> Sneath	Embaúba	Problemas respiratórios	2	Br	A	F	N	E	1770
CELASTRACEAE									
<i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Espinheira santa	Limpeza do sangue	1	F	A	-	N	A	-
CHENOPODIACEAE									
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	Anemia	1	R	H	H	E	C	*
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva de Santa Maria	Vermes	1	F	H	H	N*	C	1518
CLUSIACEAE									
<i>Garcinia gardneriana</i> (Planchon et Triana) Zappi	Bacupari		1	Ca	A	BL	N	E	2682
COSTACEAE									
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana-do-brejo	Problemas renais, bexiga	1	F	H	H	N*	C	1504
CURCUBITACEAE									
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu branco	Pressão alta	1	F	L	H	E	C	1508
CYPERACEAE									
<i>Eleocharis montana</i> (Kunth) Roem & Schult.	Cavalinha	Regula a pressão	1	F	H	BL	E	E	2717

EQUISETACEAE									
<i>Equisetum hyemale</i> L.	Cavalinha	Problemas renais, pressão alta	2	Pi	H	H	E	C	1764
EUPHORBIACEAE									
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Pau-pelado	Câncer	1	C	Ar	J	E	C	*
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra	Problemas renais, pedras nos rins	2	Pi	H	H	N	E	1509
FABACEAE									
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca	Problemas renais, cardíacos	4	F	A	H/BL	N	E	1754
<i>Cassia angustifolia</i> Vahl	Sene	Constipação	2	F	Ar	-	E	Ad	-
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC	Carrapicho rasteiro	Infecção	1	Pi	H	P	N	E	1501
<i>Mimosa pudica</i> L.	Dormideira	Problemas de garganta	1	Pi	H	BE	N	E	1787
FLACOURTIACEAE									
<i>Casearia sylvestris</i> SW.	Cafezeiro selvagem	Acidez do sangue	1	F	A	C	N	E	2716
GERANIACEAE									
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Her.	Malva	Infecções e inflamações	9	F	H	Horta	E	C	*
LAMIACEAE									
<i>Cunila microcephala</i> Benth.	Poejo	Friagem na bexiga	1	F,C	H	H	N	C	2718
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva cidreira	Calmanete, cólicas menstruais	9	F	H	H	E	C	4106
<i>Mentha</i> sp. 1	Hortelã	Calmanete, vermes	12	F	H	H	E	C	4101
<i>Mentha</i> sp. 2	Hortelã	Calmanete, vermes	12	F	H	H	E	C	4100
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	Problemas digestivos	5	F	H	H	E	C	1510
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Mangericão	Dor de barriga	1	F	H	H	E	C	1749
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Anis	Calmanete, cólicas de bebê	1	F	H	H	N	C	1512
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	Dor de barriga	11	F	H	H	E	C	4102
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	Indigestão	10	F	H	H	E	C	4105
<i>Plectranthus neochilus</i> Schlechter	Boldo	Indigestão	10	F	H	H	E	C	4104
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Problemas cardíacos, calmanete	6	F	H	H	E	C	4109
LAURACEAE									
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	Indigestão	2	F	A	H	E	C	1756
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Reumatismo, problemas na bexiga	2	F,S	A	J	E	C	1517
LILIACEAE									
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola de cabeça	Dor de garganta	2	B	H	H	E	C	2720
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebola verde	Colesterol alto	7	F	H	H	E	C	4108
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Vermes, pressão alta	7	B	H	H	E	C	*
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Cebola verde	Colesterol alto	1	F	H	H	E	C	1515
<i>Aloe arborescens</i> Mill.	Babosa	Câncer	2	F	Sa	H/J	E	C	1489
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	Câncer	2	F	Sa	H	E	C	*
LORANTHACEAE									
<i>Struthanthus polyrhizus</i> Mart.	Erva de passarinho	Hemorroidas	1	Pi	He	F	N	E	1507
LYTHRACEAE									
<i>Cuphea racemosa</i> (L.f.) Spreng.	Sete sangrias	Sangue grosso	1	F,C	H	P	N	E	2713
MALVACEAE									
<i>Malva parviflora</i> L.	Malva	Infecções, inflamações	9	Pi	H	H	E	C	4107
MELASTOMATACEAE									
<i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn	Chimarrita	Bronquite	1	F	H	C	N	E	1750
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC) Naud.	Jacatirão	Hemorroidas	1	Ca	A	C/F	N	E	1783
MORACEAE									
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Tajuva, leite de tajuva	Dor de dente	2	C	A	F	N	E	1779
<i>Morus nigra</i> L.	Amora negra	Efeitos da menopausa	1	F	A	Pó	E	C	1753
MUSACEAE									
<i>Musa</i> sp.	Bananeira	Bronquite, hemorróidas	2	I	G	Pó	E	C	1505
MYRTACEAE									
<i>Campomanesia reitziana</i> Legrand.	Guabiroba	Câncer	3	F	A	P/F	N	E	1784
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	Bronquite	1	F	A	Po	E	C	
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Dor de barriga	2	F	A	P/C	N	C/E	1775
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart) O. Berg	Jabuticaba	Diarréia	1	F,Fr	A	P	N	C	1490
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Diarréia	5	Br	A	P/C	N*	C/E	1766
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jambolão	Diabetes	1	F	A	P	E	C	1765
NYCTAGINACEAE									
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Bela noite	Furúnculos, abscessos	1	X	H	J	E	C	1497
PASSIFLORACEAE									
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Calmanete	1	F,Fr	L	H/P	N	C	*
PHYTOLACCACEAE									
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Mau olhado	1	Pi	H	J	N*	C	1773
PLANTAGINACEAE									
<i>Plantago australis</i> Lam.	Tanchagem	Infecções, inflamações	1	Pi	H	P	N	E	1506
<i>Plantago major</i> L.	Tanchagem	Infecções, inflamações	1	Pi	H	H	E	E	1782

POACEAE										
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	Capim limão, cana-de-cheiro	Calmante, cólicas menstruais	8	F	H	H	E	C	*	
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	Capim galinha	Hepatite	1	Pi	H	J	E	E	1496	
<i>Urochloa mutica</i> (Forss.) T. Q. Nguyen	Capim branco	Apendicite	1	Pi	H	P/C	E	E	2715	
POLYGALACEAE										
<i>Polygala paniculata</i> L.	Geloi	Dor muscular	1	R	H	P/BE	N	E	1744	
PTERIDACEAE										
<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	Samambaia	Reumatismo	1	F	H	C/P	E	E	1502	
PUNICACEAE										
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Dor de garganta, diarreia	1	Fr	A	P/H	E	C	1774	
ROSACEAE										
<i>Eriobotrya japonica</i> Lindley	Ameixa	Regular a pressão	1	F	A	P	E	C	1494	
<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch. Var. pérsica	Pêssego	Hemorroidas	1	F	A	P	E	C	1492	
<i>Pyrus communis</i> L.	Pêra	Regula a pressão	1	F	A	P	E	C	2721	
<i>Rubus idaeus</i> L.	Amora branca	Colesterol alto	1	F	H	H	E	C	5135	
<i>Rubus roosefolius</i> J.E. Smith var. coronarius	Amora branca	Colesterol alto	1	F	H	BE	E	E	1752	
RUTACEAE										
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	Calmante	2	F	A	P	E	C	1758	
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f.	Limão galego	Colesterol alto	1	Fr	A	P	E	C	1757	
<i>Citrus limonia</i> Osbeck	Limão	Gripe	1	F	A	P	E	C	1755	
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Infecção, dor de cabeça	2	F	H	H	E	C	1514	
SOLANACEAE										
<i>Capsicum annum</i> L.	Pimentão	Colesterol alto	2	Fr	H	H	E	C	*	
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	Hemorroidas	2	Fr	H	H	E	C	1781	
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	Diurético	1	Fr	H	H	N*	C	1495	
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	Antiinflamatória	1	F	Ar	H	N	C	1786	
THEACEAE										
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá verde	Calmante, dor de cabeça	2	F	H	-	E	A	-	
URTICACEAE										
<i>Urtica baccifera</i> (L.) Gaudich. Ex Wedd.	Urtiga	Micose nos pés	1	F	H	C/H	N	E	1746	
VERBENACEAE										
<i>Aloysia gratissima</i> (Gill. et Hook) Troncoso	Erva santa	Calmante	2	F,C	Ar	H	N	C	1763	
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	Sálvia	Gripe, tosse	2	F	H	H	N	C	1761	
<i>Verbena litoralis</i> Kunth.	Fel-da-terra	Problemas hepáticos	1	F,C	H	P	N	E	1511	
ZINGIBERACEAE										
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	Hepatite	1	Ri	H	H/J	E	C	*	
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Dor de cabeça	2	Ri	H	H	E	C	1498	

encontrados em trabalhos realizados na Mata Atlântica (Di Stasi *et al.*, 2002; Pinto *et al.*, 2006). As espécies foram coletadas em ambientes diversos, como a floresta, roça, quintal, jardim, beira de estrada e pasto, perfazendo 45,3% de crescimento espontâneo, 52,0% são cultivadas, e 2,7% das plantas são compradas.

Do total de espécies identificadas, 44,4 % são nativas da Floresta Atlântica e 55,6 % são exóticas. Presume-se que a existência de grande quantidade de espécies exóticas deve-se ao fato de que a região do estudo foi colonizada por imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos. Sabe-se que estes trouxeram consigo

algumas sementes e mudas de plantas e um grande conhecimento sobre elas (Berri, 1993). Além disso, o contato com pessoas de outras regiões e com informações sobre novas plantas pode ter aumentado o número de espécies introduzidas (Amorozo, 2002), apesar da grande diversidade de espécies nativas nas proximidades. Fato semelhante também foi constatado por Pinto *et al.* (2006) e Di Stasi *et al.* (2002). Dentre as espécies citadas, a maioria apresenta hábito herbáceo (64,2%), seguido de arbóreo (22,9%). As plantas são predominantemente cultivadas (52,9%), 71% das espécies são provenientes de cultivo caseiro, sendo obtidas no próprio quintal. A predominância

de ervas na composição dos remédios caseiros pode estar relacionada ao fato de serem cultivadas geralmente nos quintais, facilitando a obtenção destes recursos vegetais. A predominância do hábito herbáceo também foi observada por Pinto *et al.* (2006), Hanazaki *et al.* (2006), Di Stasi *et al.* (2002) e Stepp (2004).

A parte da planta mais utilizada é a folha (72,9%), principalmente na forma de infusão e chá (98%), entre outras formas de preparo menos utilizadas. O uso acentuado de folhas apresenta um caráter de conservação do recurso vegetal, pois não impede o desenvolvimento e a reprodução da planta, caso a retirada da parte aé-

rea não for excessiva (Martin, 1995). Pereira *et al.* (2005) e Di Stasi *et al.* (2002), ambos em ecossistema de Mata Atlântica, também observaram o uso acentuado das folhas no preparo dos remédios caseiros.

Quanto aos tratamentos, verificou-se que o tempo de duração é variado, principalmente sem tempo definido (30,2%), explicado pelos entrevistados como “até ficar bom”, mas também utilizam diariamente, esporadicamente, por dias, semanas e até anos, conforme a afecção. Algumas espécies são utilizadas para mais de uma indicação terapêutica, como a alcachofra (*Cynara scolymus* L.), indicada para o tratamento de enxaqueca e para diminuir o colesterol, e a carqueja (*Baccharis trimera* [Less.] DC.), indicada para problemas do estômago, diabetes e emagrecimento.

As doenças mais citadas que podem ser tratadas a partir de plantas medicinais utilizadas pela comunidade estão na categoria de “doenças infecciosas e parasitárias” (22,9%) (Tabela 2), seguidas por “doenças do aparelho circulatório e do aparelho digestório”,

19,3% para cada. Obtiveram resultados semelhantes trabalhos realizados no Vale do Ribeira, SP, por Di Stasi *et al.* (2002), Amorozo (2002) em Santo Antônio do Leverger, MT, e Pinto *et al.* (2006) em Itacaré, BA.

Observou-se que, entre as doenças tratadas, formaram-se dois grandes grupos (Tabela 2), um que obteve poucas espécies citadas (de uma até oito espécies), e outro que obteve muitas citações (de 17 até 25), ficando claro que doenças que acontecem repetidamente têm um uso mais amplo de plantas medicinais, como, por exemplo, as afecções envolvendo infecções e parasitas (22,9%) enquanto que outras têm menor amplitude de uso de plantas medicinais, como as doenças do aparelho genitourinário (7,3%).

As famílias que mais se destacaram pelo número de categorias da CID-10 foram: Asteraceae (oito categorias), Lamiaceae (sete), Fabaceae (seis) e Liliaceae (cinco). Nos resultados obtidos, algumas famílias predominaram para certas categorias, como Lamiaceae (cinco espécies) e Myrtaceae

(quatro) para doenças infecciosas e parasitárias, Lamiaceae (cinco) para doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, Lamiaceae (sete) e Asteraceae (seis) para doenças do aparelho digestório.

Há evidências de que a seleção de plantas para uso medicinal não é ao acaso e que famílias botânicas com compostos bioativos tendem a ser mais representativas nas farmacopeias populares (Moerman e Estabrook, 2003). Lamiaceae e Asteraceae, que se destacaram neste trabalho, foram também representativas nas pesquisas de Hanazaki *et al.* (2000) e Pinto *et al.* (2006).

Diversidade das plantas utilizadas – A Tabela 3 mostra os índices de diversidade de Shannon-Wiener (base e) e de equitabilidade de diferentes áreas de estudos. Os valores dos índices de diversidade estão próximos aos encontrados em Vale do Ribeira (SP) e Itacaré (BA), ambos em área de Mata Atlântica; a equitabilidade é relativamente alta, com valores próximos aos trabalhos citados na Tabela 3. Dos locais citados, Barcarena, PA (Amorozo 2002), também Floresta Tropical, mas área de Floresta Amazônica, apresenta os índices de diversidade e equitabilidade mais altos. Porém, em Barcarena, o trabalho foi concentrado sobre os moradores que têm maior conhecimento, e no presente trabalho foi feito um levantamento do conhecimento geral da comunidade, assim como em Itacaré e Vale do Ribeira.

O índice de diversidade, amplamente empregado em ecologia, vem sendo utilizado mais recentemente em trabalhos etnobotânicos com a finalidade de avaliar a diversidade do conhecimento etnobotânico. Lima *et al.* (2000) afirmaram que índices elevados em geral relacionam áreas relativamente bem conservadas associadas às populações com significativo conhecimento etnobotânico.

Os moradores também foram questionados sobre a utilização do conhecimento sobre as plantas medicinais como fonte de renda, devido à

Tabela 2. Porcentagem de citações para cada categoria (n=109).
Table 2. Percentage of citations for each category (n = 109).

Categorias (afecções)	Número de citações	% de Citações
Doenças infecciosas e parasitárias	25	22,9
Doenças do aparelho circulatório	21	19,3
Doenças do aparelho digestório	21	19,3
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	20	18,3
Doenças do aparelho respiratório	17	15,6
Sintomas e sinais gerais	17	15,6
Doenças do aparelho genitourinário	8	7,3
Doenças do sangue, órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	7	6,4
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	5	4,6
Neoplasias	5	4,6
Gravidez, parto e puerpério	4	3,7
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	3	2,7
“Doenças culturais”	1	0,9
Lesões, envenenamento e outras consequências de causas externas	1	0,9
Transtornos comportamentais	1	0,9

Tabela 3. Comparação de informações etnobotânicas de estudos realizados no ecossistema da Mata Atlântica.
Table 3. Comparison of ethnobotanical studies in the Atlantic Forest ecosystem.

Local	Índice de Shannon base e	Índice de equitabilidade	NI	NE	NC	Autores
Nova Rússia, SC	4,27	0,91	48	109	269	Este trabalho
Itacaré, BA	4,21	0,92	26	98	379	Pinto <i>et al.</i> 2006
Vale do Ribeira, SP	4,28	0,90	200	114	2159	Di Stasi <i>et al.</i> 2002
Barcarena, PA	5,24	0,90	17	259	764	Amorozo 2002

crecente vinda de turistas à região, porém a grande maioria (97,9%) respondeu negativamente quanto à possibilidade de fazê-lo, 79% posicionou-se contra, pois “as plantas são de Deus, é de todos, não se vende, é sagrado”, e uma minoria acha que seria uma fonte interessante de renda.

Nesta localidade, existe uma grande variedade de plantas que vêm sendo utilizadas; sugere-se um estudo cuidadoso do uso destas plantas principalmente as nativas da Mata Atlântica, em benefício dos moradores e da humanidade como um todo, valorizando a biodiversidade da região e explorando novas possibilidades de uso terapêutico. Estando estas pessoas no entorno de um parque nacional, seria indicado o desenvolvimento de atividades de baixo impacto ambiental e que estas pessoas sejam incluídas em trabalhos de preservação e educação ambiental a fim de resgatar sentimentos de autoestima e amor pela terra.

Agradecimentos

À comunidade da Nova Rússia, SC, pela acolhida. Aos professores Karin Esemann Quadros, Cynthia Hering Rinnert, Hilda Long-Wierner, Ana Cláudia Araújo, Marcos Sobral e Regina Camargo de Souza pelo auxílio na identificação de algumas plantas e à FURB pela bolsa de iniciação científica concedida.

Referências

ALEXIADES, M.N. 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York, The New York Botanical Garden, 306 p.

AMOROZO, C.M. 2002. Uso e diversidade de

plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, **16**(2):189-203.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-33062002000200006>

ANDERSON, E.F. 1986. Ethnobotany of hill tribes of Northern Thailand: I. Medicinal plants of Akha. *Economic Botany*, **40**:38-53.

<http://dx.doi.org/10.1007/BF02858945>

BEGOSSI, A. 1996. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. *Economic Botany*, **50**(3):280-289.

<http://dx.doi.org/10.1007/BF02907333>

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J.Y. 2002. Medicinal plants and the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use and conservation. *Human Ecology*, **30**:281-299.

<http://dx.doi.org/10.1023/A:1016564217719>

BENNET, B.C. 1992. Plants and people of the Amazonian Rain Forest. *Bioscience*, **42**:599-607.

<http://dx.doi.org/10.2307/1311925>

BERRI, A. 1993. *Imigrantes italianos, criadores de riquezas*. Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 40 p.

COTTON, C. M. 1996. *Ethnobotany: principles and applications*. New York, John Wiley & Sons, 424 p.

CUNHA, T.S.; BECKHAUSER, P.; BOSIO, F.; ZENI, A.L.B. 2004. A visão do meio ambiente para pequenos agricultores do entorno do Parque das Nascentes em Blumenau-SC. In: Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, III, Erechim, 2004. *Anais...* Erechim, divulgação digital.

DALLE, S.P.; POTVIN, C. 2004. Conservation of useful plants: An evaluation of local priorities from two indigenous communities in eastern Panama. *Economic Botany*, **48**:38-57.

[http://dx.doi.org/10.1663/0013-0001\(2004\)058\[0038:COUPAE\]2.0.CO;2](http://dx.doi.org/10.1663/0013-0001(2004)058[0038:COUPAE]2.0.CO;2)

DI STASI, L.C.; OLIVEIRA, G.P.; CARVALHAES, M.A.; QUEIROZ-JUNIOR, M.; TIEN, O.S.; KAKINAMI, S.H.; REIS, M. S. 2002. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. *Fitoterapia*, **73**:69-91.

[http://dx.doi.org/10.1016/S0367-326X\(01\)00362-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0367-326X(01)00362-8)

FARNSWORTH, N.R. 1988. Screening plants for new medicines. In: E.O. WILSON, (ed.), *Biodiversity*. Washington DC, Nacional Academic Press, p. 83-97.

FIGUEIREDO, G.M.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. 1993. Ethnobotany of Atlantic Forest coastal communities: Diversity of plant uses in Gamboa (Itacuruçá island, Brazil). *Human Ecology*, **21**(4):419-430.

<http://dx.doi.org/10.1007/BF00891142>

FIGUEIREDO, G.M.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. 1997. Ethnobotany of Atlantic Forest Coastal Communities: II. Diversity of Plant Uses at Sepetiba Bay (SE Brazil). *Human Ecology*, **25**(2):353-360.

GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. 1993. Indigenous knowledge for biodiversity conservation. *Ambio*, **22**:151-156.

GLIESSMAN, S.R. 1992. Agroecology in the tropics: achieving a balance between land use and preservation. *Environmental Management*, **16**:681-689.

<http://dx.doi.org/10.1007/BF02645658>

GUIA DE BLUMENAU. 2008. Aspectos gerais, clima fauna e flora de Blumenau. Disponível em: <http://www.guiadeblumenau.com.br>, acesso em: 22/12/2008.

HAMMER, O.; HARPER, D.A.T.; RYAN, P.D. 2001. PAST: Paleontological Statistics Software Package for Education and Data Analysis. *Palaeontologia Electronica*, **4**(1). Disponível em: http://palaeo-electronica.org/2001_1/past/issue1_01.htm; acesso em: 30/10/2007.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J.L.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. 2000. Diversity of plants uses in two Caiçara communities from Atlantic Forest coast, Brazil. *Biodiversity and Conservation*, **9**:597-615.

<http://dx.doi.org/10.1023/A:1008920301824>

HANAZAKI, N.; SOUZA, V.C.; RODRIGUES, R.R. 2006. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho State Park, São Paulo State, Brazil. *Acta Botanica Brasilica*, **20**(4):899-909.

LA TORRE-CUADROS, M.D.; ISBELE, G.A. 2003. Traditional ecological knowledge and use of vegetation in southeastern México: a case study from Solferino, Quintana Rôo. *Biodiversity and Conservation*, **13**:2455-2476.

<http://dx.doi.org/10.1023/A:1025861014392>

LIMA, R.X.; SILVA, S.M.; KUNIYOSHI, Y.S.; SILVA, L.B. 2000. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. *Etnoecológica*, **4**(6):33-55.

- MARTIN, G.J. 1995. *Ethnobotany: a methods manual*. London, Chapman & Hall, 300 p.
- MEDEIROS, M.F.T.; FONSECA, V.S.; ANDREATA, R.H.P. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sítios da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, **18**:391-399.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-33062004000200019>
- MOERMAN, D.E.; ESTABROOK, G.F. 2003. Native Americans' choice of species for medicinal uses is dependent on plant family: confirmation with meta-significance analysis. *Journal of Ethnopharmacology*, **87**:51-59.
[http://dx.doi.org/10.1016/S0378-8741\(03\)00105-3](http://dx.doi.org/10.1016/S0378-8741(03)00105-3)
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2000. CID – 10: *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 168 p.
- ONG NOVA RÚSSIA PRESERVADA. 2008. Organização dos Proprietários Preservacionistas da Nova Rússia (Blumenau, SC). Disponível em: <http://www.novarussia.org.br>; acesso em: 30/12/2008.
- PEREIRA, R.C.; OLIVEIRA, M.T.R.; LEMOS, G.C.S. 2005. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campo de Goytacazes – RJ. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, **14**(supl. 1):37-40.
- PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, **20**(4):751-762.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-33062006000400001>
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. 2008. Site oficial da Prefeitura de Blumenau. Disponível em: <http://www.blumenau.sc.gov.br>; acesso em: 22/12/2008.
- RODRIGUEZ, E.; WEST, J.E. 1995. International research on biomedicines from the tropical rain forest. *Interciência*, **20**(3):140-143.
- ROSSATO, S.C.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. 1999. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest coast (Brazil). *Economic Botany*, **53**:377-385.
<http://www.springerlink.com/content/dk6546h13h843683/>
- SCHÄEFFER, W.B.; PROCHNOW, M. 2002. Mata atlântica: informações gerais. In: W.B. SCHÄEFFER; M. PROCHNOW (orgs.), *A Mata Atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira*. Brasília, Associação de Preservação do Meio Ambiente do Vale do Itajaí (APREMAVI), p. 12-46.
- STEPP, J.R. 2004. The role of weeds as sources for pharmaceuticals. *Journal of Ethnopharmacology*, **92**:163-166.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2004.03.002>

Submitted on May 29, 2009.
Accepted on January 6, 2010.